

TERRITÓRIO, REDE E TRÁFICO DE DROGAS:
Uma aproximação teórico-conceitual da atividade de comercialização
de substâncias ilícitas na cidade universitária Prof. José da Silveira
Netto (UFPA), em Belém/PA

TERRITORY, NETWORK AND DRUG TRAFFICKING: a theoretical-
conceptual approach of the activity of commercialization of illicit substances in the
university city Prof. José da Silveira Netto (UFPA), in Belém/PA

TERRITORIO, RED Y TRÁFICO DE DROGAS: una aproximación teórica-
conceptual de la actividad de comercialización de las sustancias ilícitas en la
ciudad universitaria Prof. José da Silveira Netto (UFPA), en Belém/PA

Alexandre Patrício Silva Barros

Graduando em Geografia e Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET/Geografia pela
Universidade Federal do Pará – UFPA.
apsb_geo@hotmail.com

Denise Carla de Melo Vieira

Graduanda em Geografia e Bolsista do Programa de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq pela
Universidade Federal do Pará – UFPA.
vieiracarlageo@gmail.com

Clay Anderson Nunes Chagas

Doutor em Desenvolvimento Socioambiental pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da
Universidade Federal do Pará – UFPA. Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia e
no Programa de Pós-graduação em Segurança Pública da Universidade Federal do Pará – UFPA.
claychagas@yahoo.com.br

RESUMO

Compreender os processos que ocorrem no espaço necessita de vários fatores que, ajudam a reunir informações que se espalham na sua organização. Então, a partir da problemática do tráfico de drogas na cidade universitária Prof. José da Silveira Netto (UFPA), onde esta atividade acaba exercendo novas dinâmicas sobre o espaço, tendo potencial para ser considerado um agente paralelo ao Estado, o artigo tem como objetivo fazer uma aproximação teórica dos conceitos que permeiam o tráfico de drogas no campus, afim de compreender a dinâmica espacial desta prática, visando a construção de uma rede de relações sociais. Assim, o trabalho se propõe colaborar para os estudos relacionados ao conceito de território voltado para a questão da segurança pública, destinado à investigação no ramo da Geografia e/ou ciências afins, em que o elemento de pesquisa seja colocado no contexto urbano. Como procedimentos metodológicos foram utilizados duas etapas, a saber: revisão bibliográfica de autores que se debruçam sobre as relações sociais que envolvem o espaço, materializando o território, sendo o principal conceito e, a partir de então, relacionar o próprio à atividade de venda e consumo de drogas na universidade; trabalhos de campo para melhor compreensão da realidade da área de estudo, e assim, utilizar toda a discussão teórica sobre esta realidade. Logo, fazer um estudo sobre o tráfico de drogas na UFPA perpassa por vários desafios, pois a questão da venda e do consumo de drogas dentro do campus é uma atividade que muitos sabem que ocorre, porém poucos fazem alguma discussão sobre o tema, ocasionando a falta

de debate para se chegar a ações que tratem este problema com maior seriedade, e buscar viabilizar a convivência das pessoas que frequentam e utilizam esses espaços.

Palavras-chave: Território; Tráfico; Drogas; Rede.

ABSTRACT

Understanding the processes that occur in space requires several factors that help gather information that spreads throughout your organization. Then, from the problematic of drug trafficking in the university city Prof. José da Silveira Netto (UFPA), where this activity ends up exerting new dynamics on space, having the potential to be considered an parallel agent to the State, the article aims to make a theoretical approximation of the concepts that permeate drug trafficking on campus, in order to understand the spatial dynamics of this practice, aiming the construction of a network of social relations. Thus, the paper intends to collaborate for studies related to the concept of territory geared to the issue of public safety, aimed at research in the field of Geography and/or related sciences, where the research element is placed in the urban context. As methodological procedures, two stages were used: bibliographical review of authors that deal with the social relations that involve space, materializing the territory, being the main concept and, from then on, to relate the own to the activity of sale and drug use at university; fieldwork to better understand the reality of the area of study, and thus, to use all the theoretical discussion about this reality. Therefore, a study of drug trafficking in UFPA has several challenges, since the issue of drug sales and consumption on campus is an activity that many people know to occur, but few make any discussion about the subject, lack of debate to arrive at actions that deal with this problem more seriously, and seek to make possible the coexistence of people who attend and use these spaces.

Keywords: Territory; Traffic; Drugs; Network.

RESUMEN

Comprender los procesos que hacen con que no hay espacio necesario de varios factores que ayudan a reunir información que se lanzan en su organización. Entonces, a partir de la problemática del tráfico de drogas en la ciudad universitaria Prof. José da Silveira Netto (UFPA), donde se ha desarrollado una nueva dinámica sobre el espacio, con un potencial para ser considerado como un agente paralelo al Estado, el artículo tiene como objetivo hacer una aproximación teórica de los conceptos que permean el tráfico de drogas en el campus, la visión de una dinámica espacial de la práctica, visando la construcción de una red de relaciones sociales. Por lo tanto, el trabajo se ha propuesto para los estudios relacionados con el concepto de territorio volcado para la cuestión de la seguridad pública y no se ha llevado a cabo ninguna investigación sobre el tema de la geografía y las ciencias afines. Como resultado metodológico de dos etapas, un comentario: revisión bibliográfica de autores que se dejan sobre como relaciones sociales que se encuentran en el espacio, materializando el territorio, siendo el concepto principal y, a partir de entonces, relacionar lo propio a la actividad de venta y consumo de drogas en la universidad; trabajos de campo para mejorar la comprensión de la realidad del área de estudio, y utilizar, todo el debate teórico sobre esta realidad. Logotipo, hacer un estudio sobre el tráfico de drogas en la UFPA pasa por varios desafíos, por la cuestión de la venta y el consumo de drogas en el campus es una actividad que muchos saben que ocurre, sin embargo discute sobre el tema, ocasionando falta de debate para encontrar una acción que trate este problema con la mayor seriedad y buscar una convivencia de personas que frecuente y utilizar estos espacios.

Palabras clave: Territorio; Tráfico; Drogas; Red.

INTRODUÇÃO

Hoje, uma das principais atividades presente nas cidades brasileiras é a venda e consumo de “drogas”¹. O tráfico e consumo de drogas está também associado a outros setores da “economia ilegal”, em exemplo a associação dos consumidores com outros delitos, como a prática de roubo e furto, além de casos mais extremos, sendo este o homicídio. Nesse caso, a droga pode funcionar como um potencializador dos crimes citados anteriormente.

Em Belém, esta realidade está inserida quase que totalmente em todos os bairros da capital paraense. Porém, na cidade universitária Prof. José da Silveira Netto (Universidade Federal do Pará – UFPA), o tráfico de drogas tem uma particularidade, pois diferente do restante de Belém onde existe uma repressão mais intensificada, nas dependências do campus, que é considerado um território “livre” da jurisdição dos órgãos de segurança pública estaduais e em virtude da não atuação dos instrumentos de segurança federal (devido os mesmos operarem no combate do tráfico de drogas no atacado, sendo que, dentro do campus o comércio de substâncias ilícitas é caracterizado pelo pequeno porte de drogas, nesta ocasião o varejista), acaba por sobrecarregar o núcleo de segurança interna, assim, facilitando o tráfico de drogas.

A cidade universitária, inserida geograficamente no contexto de dois bairros (Terra Firme e Guamá), que são considerados aglomerados subnormais, segundo IBGE (2010) (nomenclatura que engloba os diversos tipos de assentamentos irregulares existentes no País, como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, mocambos, palafitas, entre outros), ou/de exclusão, de acordo com alguns autores², está sujeita a influência dos processos de organização socioespacial que estão correlacionadas a aproximação com os respectivos bairros vizinhos. Dessa forma, o tráfico de drogas na universidade pode ser compreendido, também, a partir da própria localização geográfica da Instituição (ver figura 01).

Os bairros da Terra Firme e Guamá estão entre os principais mantenedores do tráfico de drogas dentro da cidade universitária, apesar de não ser descartados outros bairros de Belém, pois existe um grande volume de pessoas que frequentam o espaço universitário (aproximadamente 50 mil pessoas circulam na UFPA diariamente, segundo informação do Serviço de Segurança Interna da UFPA), podendo, de tal modo, deduzir

¹ Usa-se a expressão “drogas” considerando o conceito utilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), cuja definição se baseia em: “qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento” (VASCONCELOS, 2016, p. 01-02).

² O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE classifica os bairros do Guamá e Terra Firme como “Aglomerados Subnormais”, porém as características deste conceito se assemelham a de outros autores que usam o conceito de “aglomerados de exclusão”, como o geógrafo Rogério Haesbaert.

sobre a possibilidade da entrada de drogas vindas de outros bairros. Deste modo, a venda e o consumo de drogas na área de estudo é uma questão que perpassa tanto pela comunidade com vínculo institucional (alunos, professores, servidores), como a comunidade externa, uma vez que, além do tráfico de drogas, que pode ser considerada a principal atividade ilícita no campus, há também ocorrências de furtos e roubos, e que, segundo a segurança interna, são atividades que podem ser corroboradas por esta prática.

A partir da problemática do tráfico de drogas, onde esta atividade acaba exercendo novas dinâmicas sobre o espaço, tendo potencial para ser considerado um agente paralelo a ação do Estado. O objetivo principal deste trabalho é compreender e fazer uma aproximação teórico-conceitual dos processos que permeiam a atividade ilícita de comercialização de substâncias ilícitas na cidade universitária Prof. José da Silveira Netto (UFPA), a fim de compreender a dinâmica espacial desta prática, e assim colaborar para os estudos relacionados ao conceito de território voltado para a questão da segurança pública, destinado à investigação no ramo da Geografia e/ou ciências afins.

No entanto, para a produção deste artigo foram utilizadas duas etapas metodológicas, a saber: (1) revisão bibliográfica de autores que se debruçam sobre as relações sociais envolvidas dentro do espaço geográfico, constituindo este a base para a materialização do conceito de território³, e a partir de então, relacionar o território à atividade de venda e consumo de drogas no campus; e (2) trabalhos de campo para melhor compreensão da realidade da área de estudo, e portanto, utilizar toda a discussão teórica sobre esta realidade.

³ O conceito de território será neste estudo o principal instrumento de análise dos processos envolvendo o tráfico de drogas na cidade universitária Prof. José da Silveira Netto.

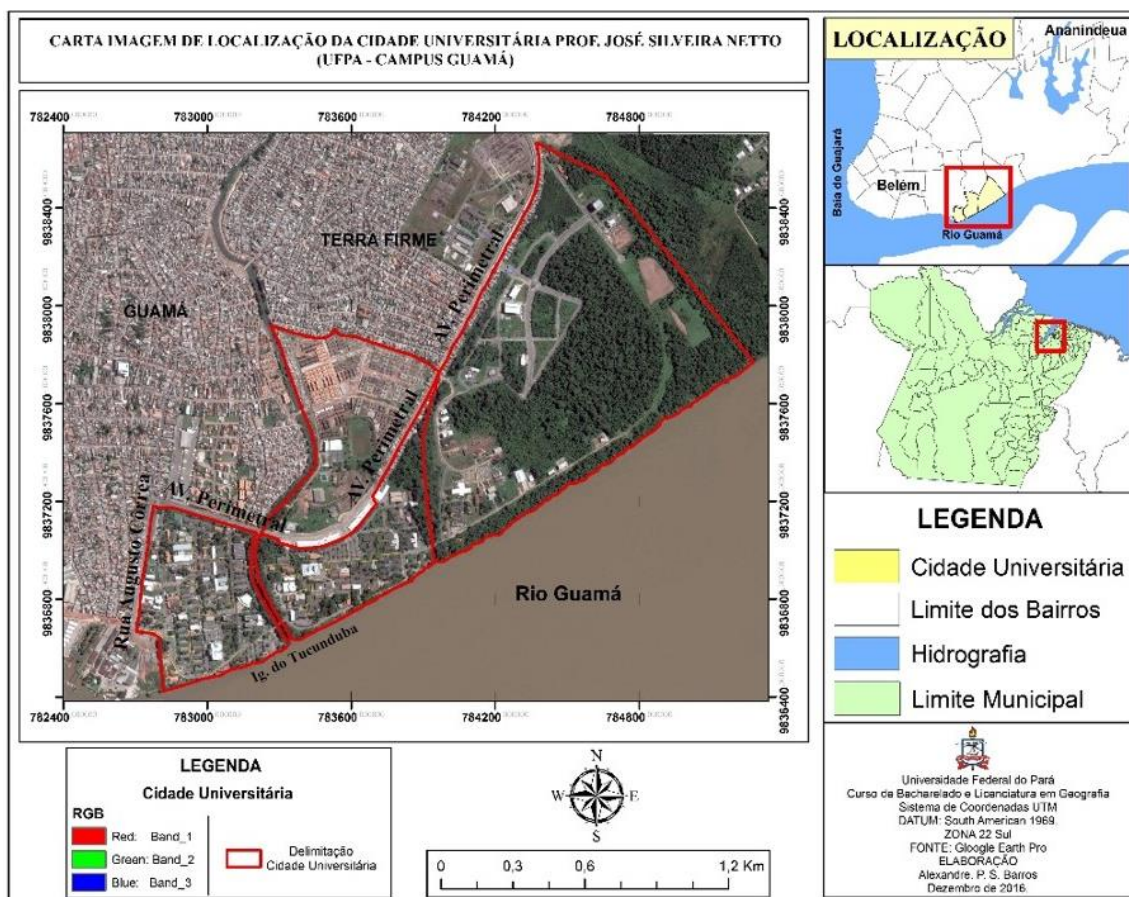


Figura 1 – Localização e delimitação da cidade universitária Prof. José da Silveira Netto, dando ênfase a sua aproximação dos bairros da Terra Firme e Guamá, e as principais vias de acesso (Av. Perimetral e Rua Augusto Corrêa) na porção Sul da cidade de Belém.

Fonte: Produzido através de trabalhos de campo e pesquisa bibliográfica sobre a área constitucional da cidade universitária (Elaboração: Alexandre Barros, dez. 2016).

Portanto, fazer um estudo relacionado ao tráfico de drogas, sendo uma das principais atividades ilícitas que afligem as cidades, necessita de um aporte conceitual que tenha a capacidade de abarcar todas as suas relações, desde a fonte do problema até a sua conformação. Deste modo, a fragmentação e apropriação do espaço por grupos de indivíduos que comercializam drogas constitui um exercício de interpretação e articulação de poder (GOMES, 2016). Nas grandes cidades, facções apropriam-se de áreas com o propósito de controlar o mercado consumidor e consequentemente porções do espaço. Dessa maneira, a delimitação precisa dos territórios do tráfico é sustentada principalmente na percepção de informantes sobre as áreas de atuação das facções criminosas, construída a partir do cotidiano do trabalho policial apoiando-se no histórico de disputa territorial entre os grupos criminosos no espaço urbano (GOMES, 2016). Neste sentido, o tráfico de drogas na cidade universitária Prof. José da Silveira Netto (UFPA) pode ser caracterizado por uma disputa de poder por determinados agentes territoriais, e aqueles que detêm o

domínio do território passam a estabelecer o controle do mercado consumidor disponível no âmbito universitário.

Por este ângulo, o conceito de território se torna mais apropriado para analisar a problemática do tráfico de drogas na cidade universitária, pois para compreender a configuração de uma rede de relações a partir dos seus pontos e fluxos, o território se torna peça chave para tentar interpretar a realidade.

Entretanto, é importante frisar que independente do conceito utilizado para explicar determinado problema, visando mostrar a realidade de uma forma precisa, pode se tornar uma negligência de análise, pois a função do conceito é de fazer uma aproximação do real, isto é, tentar representar o cotidiano através de algumas características ou processos sociais, a fim de se chegar em um resultado que se assemelhe a realidade estudada.

O CONCEITO DE TERRITÓRIO

A ideia de território vem sendo utilizado desde muito tempo pelos homens. Um de seus primeiros registros foi com o militar Sun Tzu (2008) em sua obra “A arte da Guerra” há aproximadamente cinco séculos a.C. com estudos de caráter militar, relacionando a importância de conhecer a conformação do terreno para obter vantagens sobre o inimigo de guerra. Porém, foi com Nicolau Maquiavel (2012) em “O príncipe” que as relações para manter o controle nos chamados principados (territórios consolidados) ganharam novas bases, mudando o paradigma do exercício de administração e manutenção do Estado, propondo um novo olhar para as relações que envolvem a estratégia de gerenciar o território.

Os meios de operação característico do tráfico de drogas perpassa por processos sociais que servem como mistura para unir e firmar as relações que permeiam o desenvolvimento desta atividade ilícita. Assim, de acordo com Souza (2011, p. 78), o território, objeto principal para o desdobramento do tráfico, é fundamentalmente um “espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Porém, a concepção de território como recinto da apropriação de práticas criminosas está intimamente ligada à organização social e hierárquica dos agentes de manutenção desse território. Assim, é importante compreender também os vários tipos de abordagens sobre o conceito de território, para assim, partir em busca de uma análise mais focada na concepção de conceito que mais se aproxima da questão do tráfico de drogas na cidade universitária Prof. José da Silveira Netto (UFPA).

O território é um organismo histórico e, por conseguinte, social, a partir das relações de poder, sejam concreto e/ou simbólico, que envolvem, simultaneamente, sociedade e espaço geográfico, que também, é sempre, de alguma forma, natureza (HAESBAERT; LIMONAD, 2007).

Para Marcos Aurélio Saquet (2015), ao analisar a obra de Jean Gottmann faz uma reflexão sobre os significados do território, historicamente determinados, define-se que, o conceito é descrito como um compartimento do espaço como fruto de sua diversificação, tendo duas funções básicas: a) servir de abrigo, como forma de segurança e; b) servir como *trampolim* para oportunidade, em outras palavras, o território é por excelência a parte do espaço que propicia oportunidades e segurança, porém, sempre mantendo uma organização interna, bem como relações externas.

Rogério Haesbaert (2007) afirma que o território nasce com uma dupla acepção, a saber: material e simbólica, já que, etimologicamente falando, aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *térreo-terror* (terror, aterrorizar), isto é, relacionado a dominação (jurídico-política) do terreno com a proliferação do medo, particularmente a aqueles que, a partir desta dominação, ficam alijados da terra, ou no “*territorium*” ficam impedidos de penetrar. No entanto, para aqueles que têm a regalia de usufruir plenamente do território, pode inspirar a identificação positiva e a efetiva “apropriação” (HAESBAERT, 2007).

Parafraseando Souza (2011), territórios existem e são construídos e desconstruídos nas mais variadas escalas, das mais pequenas (ruas, bairros) até as de maior proporção espacial (cidades, estados, países); territórios são estabelecidos e extinguidos dentro de diferentes escalas temporais, sejam: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente ou também, uma existência periódica, cíclica.

É importante considerar também a relação do território com o conceito de espaço, pois, sem a apropriação do espaço por determinados grupos ou agentes sociais, o território não será consolidado. Assim, cada sociedade produz um espaço, com suas necessidades e especificidades. Este espaço deve ser pensado a partir de fator essencial, conteúdo material e social, trazendo a comparação da acepção material e simbólica de Haesbaert (2007), ou seja, a solidificação dos processos históricos pertencentes a essas sociedades (LEFEBVRE, 1974).

Outro ponto importante a ser destacado é a base territorial que todo espaço é produzido, assumindo peculiaridades na sua formação. Assim, individualmente as formas geográficas idealizam modos de produção ou um de seus momentos. Nesse sentido, a história desses modos é a narrativa da sucessão das formas criadas a seu serviço, isto é, o

espaço é concebido dentro de um caráter social, sendo um produto destas relações e que, muitas vezes, é negligenciado em sua avaliação (CASTRO, 1992).

Destarte, a base territorial é a moldura onde o espaço é produzido, tornando o território uma restrição inseparável das relações sociais e das inovações que elas geram/recomendam, ou seja, a dimensão territorial é expressão do social, uma vez que, seus limites são estabelecidos de acordo com o grupo que o ocupa. Logo, conforme Chagas (2013), o território é, não só uma unidade geográfica, mas também, unidade social e política.

DAS RELAÇÕES QUE MATERIALIZAM O TERRITÓRIO

Como abordado anteriormente, o território é definido e delimitado em sua base por e a partir de relações de poder. Na situação colocada na área de estudo, voltado ao tráfico de drogas, essa prerrogativa destaca o funcionamento e acima de tudo a fixação no espaço desta atividade.

Todavia é importante fazer uma discriminação do que se entende sobre poder. Sua ambiguidade terminológica sobre a forma escrita com letra maiúscula e minúscula, como expressado na obra de Raffestin (1993), quer salientar:

Marcado por uma maiúscula, resume a história de nossa equiparação a um “conjunto de instituições e de aparelhos que garantem a sujeição dos cidadãos a um Estado determinado”. Temos aí o relaxamento do termo. O Poder com uma letra maiúscula postula, “como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou da unidade global de uma dominação; essas não são mais que formas terminais” (...) o “Poder”, longe de ser negligenciável, se torna mais familiar, mais marcante e também mais habitual quando aparece envolto em sua dignidade de nome próprio (RAFFESTIN, 1993, p. 51).

Assim, sua terminologia considera que o “Poder”, em nome próprio, é a personificação do Estado, agente maior dessa faculdade, enquanto que o “poder”, em letra minúscula, acaba se escondendo atrás do primeiro. No entanto, presente em cada relação, na curva de cada ação, pois sempre que possível se aproveita de todas as fissuras sociais para infiltrar-se no cotidiano do homem. Portanto a ambiguidade se encontra no momento que há o “Poder” e o “poder” (RAFFESTIN, 1993).

No espaço universitário, território materializado a partir das relações de “Poder” do Estado, é em sua caracterização múltiplo, no sentido que, a existência de agentes e produtos que partem das fissuras abertas pelo controlador maior, se enraízam, deixando o

“poder” adentrar nas dependências da instituição, em particular, nos espaços selecionados pelo tráfico de drogas.

A grosso modo, esta prerrogativa de novos agentes em um território já consolidado, se torna indispensável entender quem domina ou influencia e como domina ou influencia este espaço. Em outras palavras, já ditas por Souza (2011), quem domina ou influencia quem nesse espaço e como domina e a partir de que domina ou influencia o espaço são questões pertinentes para a análise do território e suas territorialidades. Assim, por detrás do território existem superposições e variações entre as noções de conceito de poder, violência, autoridade, dominação e competência de controle do espaço. Souza (2011), usando a definição de Hannah Arendt, em que a certeza de que a questão política mais importante é: quem governa quem? Então, Poder, Força, Autoridade, violência, nada mais são que palavras a indicar os meios pelos quais o homem domina o homem. São sinônimos por terem a mesma função. Claude Raffestin (1993), sobre a manifestação do poder, afirma que se revela através das ocasiões, e continua:

[...] um processo de troca ou de comunicação quando, na relação que se estabelece, os dois polos fazem face um ao outro ou se confrontam. As forças de que dispõem os dois parceiros (caso mais simples) criam um campo: o campo do poder. Para compreender isso, pode-se recorrer à imagem do ímã e dos fragmentos de limalha que se orientam e assinalam linhas de força. O campo da relação é um campo de poder que organiza os elementos e as configurações (RAFFESTIN, 1993, p. 53).

Diante da manifestação do poder e apoiado na colocação de Foucault, os estudos de Raffestin (1993) indicam algumas preposições sobre o conceito, não para definir, e sim, para abarcar a sua natureza. Assim, compreende-se que o poder: (1) não é adquirido, é exercido a partir de vários pontos; (2) as relações de poder não estão em posição de exterioridade no que se refere a outros tipos de relações, como econômicas, sociais, etc., mas são relativos a elas; (3) o poder vem de baixo, não há uma aversão binária e global entre o dominador e dominados; (4) as relações de poder são, respectivamente, intencionais e subjetivas; e, por fim, (5) onde há poder, há resistência e, por isso, jamais está em posição de exterioridade em relação ao poder.

Ponderando estas preposições é reconhecido seu caráter íntimo em relação à problemática. De tal modo, toda relação é o ponto de partida do poder e isso motiva a sua múltipla dimensionalidade. Então, de acordo com Raffestin (1993, p. 53), “a intencionalidade revela a importância das finalidades, e a resistência exprime o caráter dissimétrico que quase sempre caracteriza as relações”.

Mesmo com a forte influência dos estudos de Claude Raffestin, sobre as relações envolvendo o território, Haesbaert e Limonad (2007, p. 42), ajustando a análise de Souza (2011), explicam que, (...) “*de fato o território não deve ser confundido com a simples materialidade do espaço socialmente construído*” (Grifo do autor), e continuam:

[...] nem com um conjunto de forças mediadas por esta materialidade. O território é sempre, e concomitantemente, apropriação (num sentido mais simbólico) e domínio (num enfoque mais concreto, político-econômico) de um espaço socialmente partilhado (e não simplesmente construído) (HAESBAERT; LIMONAD, 2007, p. 42).

Hannah Arendt (1969), considerando o posicionamento de John Stuart Mill, em sua obra “Da violência”, expressa que a primeira lição da civilização é a obediência. É colocado que o homem é caracterizado por dois estados de propensão: o primeiro é o desejo de se exercer o poder (controle) sobre os outros; o segundo é a falta de propensão para ser objeto do poder (controlado) em exercício.

Raffestin (1993) sobre a realidade material do objeto de estudo na Geografia ser formado pelas relações sociais, que são efetivadas entre os sujeitos e o objeto, dizendo em outras palavras, as relações que “materializam” o território, significam territorialidades (SAQUET, 2015), revelam que o território não deixa de ser um espaço modificado pelo trabalho e revela relações de poder. Assim, o próximo tópico aborda algumas considerações de territorialidades que se concretizam a partir dessas relações de poder e suas variações.

ESPAÇO E TERRITÓRIO INSTITUCIONAL DA CIDADE UNIVERSITÁRIA E SUAS PRÁTICAS ESPACIAIS

A base territorial onde a cidade universitária está inserida, contempla o cinturão institucional da Av. Tancredo Neves (lado esquerdo - sentido continente-rio, conforme demonstrado na figura 01), caracterizado por instituições públicas (Universidade Federal do Pará, Universidade Federal Rural da Amazônia, Museu Paraense Emílio Goeldi, Embrapa), que se concentram nesta via, que, por sua vez, representa o papel do Estado na organização do espaço da cidade de Belém, colocando-o como agente principal para estabelecer e ordenar o uso dos espaços públicos (BARBOSA; ROCHA, 2016).

O espaço sendo o conceito embrionário para conceber as relações que os grupos sociais mantêm uns com os outros, e a partir de então, projetar um território, tem, por excelência, o estabelecimento das práticas espaciais que definem o tipo de relação que se

manifestará, baseado nas atividades que serão inseridas no espaço, neste caso a cidade universitária. Deste modo, as práticas espaciais são resultado da compreensão que o homem tem da diferenciação espacial. Compreensão essa, arraigada nos padrões sociocultural, ideológico, político a cada sociedade. Também nas possibilidades técnicas disponíveis nos momentos/períodos históricos, que proveem significados diferentes à natureza e à organização espacial já diferenciadas (CORRÊA, 2011). Em vista disso:

As práticas espaciais são ações que contribuem para garantir os diversos projetos. São meios efetivos através dos quais objetiva-se a gestão do território, isto é, a administração e o controle da organização espacial em sua existência e reprodução (...) e também, dos diversos projetos também derivados de cada tipo de sociedade, que são engendrados para viabilizar a existência e a reprodução de uma atividade ou de uma empresa, de uma cultura específica, étnica ou religiosa, por exemplo, ou a própria sociedade como um todo (CORRÊA, 2011, p. 35).

Percebe-se que o espaço é produzido a partir das ações/práticas, assim, as relações territoriais, exercidas sobre o mesmo, provém de agentes que buscam exercer certo controle em fragmentos espaciais, isto é, nos territórios. Entretanto, um sistema de controle territorial é formado por vários processos que se concentram e o integram, tais processos serão as relações que dão vida a estes produtos construídos a partir dos projetos sociais pré-estabelecidos pelos grupos hegemônicos ou hegemonzados.

Considerando a análise de Miranda Neto (2008, p. 32) a partir dos aspectos de estrutura espacial de David Harvey, é realizada (Quadro 01) uma abordagem conceitual das práticas espaciais, das representações do espaço e do espaço de representação, em intermédio com novas representações dos espaços (reais ou imaginários), redes que transportam fluxos de bens, redes de relações, etc. Essas práticas indicam a lógica reticular e a produção do espaço, visando à formação de um território descontínuo-rede.

Quadro 1 – Práticas espaciais e lógica reticular

Práticas espaciais	Lógica reticular	Produção do espaço
	Redes que transportam os fluxos de bens, pessoas, força de trabalho, informações, serviços, etc.	Produção de infraestruturas físicas (transporte e comunicação); organização territorial de infra estrutura sociais (formais e informais).
Representação do espaço	Medidas sociais, psicológicas e físicas da distâncias; triangulação em reticular do espaço (mapeamento); “fricção da distância” (princípio do menor esforço, busca de centralidade, etc.).	Novos sistemas de mapeamento, de representação visual e de comunicação à distância.
Espaços das representações	Redes de relações subjetivas e intersubjetivas, que expressam atração/repulsão; distância/desejo; acesso/negação; deslocamento; esquizofrenia.	Planos utópicos; paisagens imaginárias; espaços do desejo; espaços de ficção.

Fonte: Miranda Neto (2008) com base nas formulações de Harvey (2005).

A partir das formulações esquemáticas acima, é importante frisar as negligências ocorridas na análise espacial. Dentre esses descuidos, se pode atenuar a dissociação da rede técnica da social, pois o espaço não é entendido somente como algo físico, concreto. Em outras palavras, palpável, mas como a relação dos atrelamentos interpessoais e intersubjetivas (MIRANDA NETO, 2008), isso indica uma aproximação das mesmas práticas ocorridas em um território-rede, aquele que não tem uma delimitação concreta, formado por variadas relações pessoais e interpessoais de grupos sociais.

Quando se fala em tráfico de drogas em um espaço institucionalizado controlado pelo Estado, logo é entendido que existe uma negligência do agente controlador, e assim, da oportunidade de execução de novas formas de apropriação do território. Isso acontece, em alguns casos, pelo enfraquecimento da ação do Estado, e em outros, pela dinâmica organizacional e estratégias de atuação do exercício de determinadas estratégias territoriais, que no caso proposto nesse artigo, o tráfico de drogas.

Assim, a seletividade de determinadas porções territoriais do espaço universitário, como a orla, traz consigo atributos julgados de interesse ao tráfico de drogas, pois, de acordo com o projeto estabelecido pelos agentes para bons resultados do tráfico de drogas, a proximidade com o mercado consumidor, sendo a orla parte do espaço público

universitário com maior fluxo de pessoas dentro da UFPA, é um dos atributos para a localização seletiva⁴ desta prática.

Deste modo, ao compreender o território institucional da cidade universitária é de suma importância ressaltar que é indispensável considerá-lo como espaço de relações sociais complexas, por conta de toda gama de eventos e grupos que estão inseridos no âmbito universitário. Portanto, devido ao desenvolvimento de diversas atividades como de ensino, pesquisa, extensão, de gestão organizacional e institucional, habitando o mesmo espaço, o que a torna de múltiplas territorialidades, as chances de ocorrer embates conflituosos pelo “uso e controle do solo” é bem maior, se comparado a um espaço homogêneo. Caso este, diferente por todas as situações aqui citadas.

TERRITÓRIO E TRÁFICO DE DROGAS

Com o arcabouço discutido e baseado na visão de território de autores como Raffestin (1993), Haesbaert (2007) e Souza (2011), os substratos do conceito, considerados relações que materializam o espaço, sendo as relações de poder o corpo fundamental para a conformação do território, têm um papel importante para o estudo que envolve a prática do tráfico de drogas e como ela se desenvolve no tecido urbano das cidades.

Baseado no conhecimento obtido a partir do estudo teórico e várias vertentes conceituais sobre território é possível compreendê-lo como um dos trunfos do poder, que se constituirá a partir das múltiplas relações entre os diversos agentes territoriais que passam a disputar o controle do mesmo e é através dessas relações que se determina a autonomia e/ou domínio sobre o território de grupos sociais que passam a disputar o mando de áreas, seletivamente escolhidas por diversos interesses, sejam esses econômico, cultural ou político-jurídico.

Na cidade universitária, esses interesses estão relacionados, no caso do tráfico, ao econômico e, no caso do consumo, ao cultural. Assim, para as pessoas que adentram a universidade com o objetivo de comercializar drogas, elas buscam o lucro. Já os sujeitos que usam o espaço universitário para consumir estão intimamente ligados à questão

⁴ Assunto muito bem abordado por Roberto Lobato Corrêa, quando cita como exemplo a seletividade espacial de uma companhia de cigarros, onde a mesma é detentora de uma complexa rede de unidades funcionalmente distintas mas fortemente integradas. Incluem-se nesta seleção cidades situadas nas zonas produtoras de fumo, centros que desempenham importante papel na distribuição de bens e serviços, sendo membros de sua vasta rede de distribuição atacadista (CORRÊA, 2011).

simbólica-cultural⁵ de usar substâncias ilícitas principalmente na orla da instituição, pois existe uma questão ideológica que a universidade é um espaço de liberdade, manifestação e protesto sem interferência dos poderes do Estado. Dessa forma, a utilização de drogas é vista por muitos como uma maneira de expressar/materializar a plenitude desses ideais.

A partir dessa breve análise sobre os interesses e vontades dos grupos que estão envolvidos com o tráfico e consumo de drogas na cidade universitária Prof. José da Silveira Netto, o trabalho se apoiou na definição de Souza (2011) de territórios descontínuos ou territórios-rede e a base conceitual de Raffestin (1993) para fazer um elo da construção do território-rede, buscando os subsídios necessários para o estabelecimento do estudo.

Como já citado, o estudo usará o conceito territórios descontínuos/território-rede para aproximar a realidade do tráfico na UFPA. Mas é importante compreender a definição deste conceito que, segundo Souza (2011), trata-se:

[...] ao mesmo tempo de uma ponte entre escalas ou níveis de análise: o território descontínuo associa-se a um nível de tratamento onde, aparecendo os nós como pontos adimensionais, não se coloca evidentemente a questão de investigar a estrutura interna desses nós, ao passo que, à escala do território contínuo, que é uma superfície e não um ponto, a estrutura espacial interna precisa ser considerada (SOUZA, 2011, p. 93).

Avaliando a definição do território, ocorre que cada nó de um território descontínuo é concretamente o pilar de outra escala de análise, uma figura bidimensional, um espaço, ele mesmo um território, como por exemplo um bairro territorializado por uma facção criminosa. Aqui, temos que cada território descontínuo é, na realidade, uma rede de articulação entre dois ou mais territórios contínuos (SOUZA, 2011).

Esses aspectos aplicados no/sobre o espaço passam pelo valor multidimensional do “vivido” territorial, assim como Raffestin (1993), sua territorialidade concebida pelas relações sociais existentes no lugar (e nesse caso na UFPA), são, independente de tudo, relações de poder. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. É impossível manter uma relação que não seja marcada por ele (RAFFESTIN, 1993).

Qualificando a definição de territórios descontínuos como a materialização do poder, o conceito pode ser interpretado para a realidade da UFPA, quanto o articulador do tráfico de drogas, constituindo dois ou mais territórios contínuos. Assim, a malha de relações que ocorre dentro e fora da cidade universitária é demarcada pela disputa pelo território entre agentes tanto nos bairros vizinhos, como Terra Firme e Guamá, como no

⁵ O vínculo simbólico-cultural utilizado no texto pode ser definido como: “relação de pertencimento ao lugar, ou seja, quando um sujeito compreende o lugar como parte representativa em sua vida. Sentimento individual de identidade com o ambiente. Sobre este tema, ver Yi-fu Tuan (2012).

próprio campus. Dessa maneira, o fato de a instituição estar inserida entre dois bairros, que historicamente são considerados territórios disputados por organizações criminosas, ela acaba sofrendo impactos vindos dessas disputas e, também, sendo absorvida pela rede do tráfico dos bairros. Então, a partir desses fatores, pode ser considerado que, a Cidade Universitária, junto aos bairros que a cercam, são dois territórios contínuos, que juntos formam uma rede aberta, isto é, um território descontínuo, sem uma delimitação precisa.

Entretanto, vale destacar que, o Estado exerce um papel basilar na disputa de poder dentro da universidade. Seu perfil de controlador e perder força em alguns momentos, quando relacionado às atividades ilegais, como, por exemplo, aquelas relacionadas ao tráfico e consumo de drogas, mas sempre exercem alterações nas atividades que ocorrem no território. Assim, junto à dinâmica que acontece nas áreas onde há tráfico na universidade, existe ainda uma parcela da força do Estado, reprimindo-a e, de certa forma, aplicando meios para atrapalhar seu desenvolvimento.

TRÁFICOS DE DROGAS E SUAS TERRITORIALIDADES

O território, sendo o conceito elementar para análise da articulação das relações sociais do tráfico de drogas, Souza (2011) afirma que, as territorialidades podem ser observadas a partir da apropriação de áreas no espaço por determinadas atividades. Elas podem se distinguir dependendo de como essas ações são realizadas. Igualmente, no tecido urbano das grandes cidades este processo pode ser bem visível na disputa de poder das facções criminosas pelo controle de pontos de venda de drogas, pois a partir do momento que determinado grupo passa a ter o controle de tais pontos, ele mantém também o controle sobre o território através das territorialidades exercidas no espaço.

Entende-se que as territorialidades concebidas no território dependem intimamente das relações que se manifestam no espaço. Numa escala global do tráfico de drogas, podemos comparar a apropriação do território naquilo que é discutido por Haesbaert e Limonad (2007), onde:

Esse espaço tornado território pela apropriação e dominação social é constituído ao mesmo tempo por pontos e linhas redes e superfícies ou áreas zonas. É possível acrescentar então que são elementos ou unidades elementares do território aquilo que Raffestin denomina de malhas - que preferimos denominar de áreas ou zonas; e as linhas e os nós ou pontos - que, reunidos, preferimos denominar de redes (HAESBAERT; LIMONAD, 2007, p. 43).

A territorialidade adquire um valor privado, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de um agrupamento das relações nas sociedades em geral. Desse modo, os homens vivem, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações, existenciais ou produtivas (RAFFESTIN, 1993).

Com uma análise comparativa, elabora-se uma visão mais atual, semelhante a de Santos (2012), quando falado sobre os sistemas de objetos e sistemas de ações, no qual o primeiro é o produto de uma elaboração social, e, o segundo, um processo dotado de propósito, ambos com caráter social. Aquilo que é visto nas relações do tráfico de drogas e sua territorialidade.

A territorialidade de um grupo do tráfico é uma rede, se considerarmos todos os pontos (nós) de uma organização, até a chegada do “produto final” nos respectivos mercados consumidores. Esses nós de uma rede se intercalam com nós de outras redes, todas elas superpostas ao mesmo espaço e disputando a mesma área de influência econômica, isto é, o mercado consumidor, formando uma malha/rede significativamente complexa.

Sobre os fluxos que se estruturam para a formação de um circuito, Santos (2012) afirma que eles se “originam de coisas fixas”. Os fluxos, assim como saem, também chegam aos fixos. E todos esses “nós” juntos formam uma rede de relações.

Baseado em toda a concepção teórica abordada até o presente momento, considerando também os trabalhos de campo realizados, passa-se a visualizar a organização de uma rede de poder do tráfico de drogas na Cidade Universitária. Neste sentido, esta rede é gerada sobre um território consolidado pelo Estado, sendo a mesma territorialidade que se mostra no espaço universitário. Logo, o território “são no fundo relações sociais projetadas no espaço, espaços estes concretos, os quais são apenas os substratos materiais das territorialidades” (SOUZA, 2011, p. 87).

Haesbaert (2004, p. 149) define territorialidade em rede como “o espaço organizado a partir de relações sociais que priorizam a mobilidade e a “fluidez”, por meio de linhas ou dutos e polos ou nós (conexões), necessários à dinâmica dos fluxos (materiais ou imateriais) que o fundamentam”. Assim, essa fluidez só é alcançada por meio da produção dos capitais fixos, em outras palavras, da rigidez abordada por Santos (2012).

No entanto, falar do tráfico de drogas e como o mesmo se estabelece é necessário compreender como ele se articula no espaço. Assim, a organização do tráfico de drogas está articulada de duas formas, sendo:

[...] territórios-zona, ou seja, territórios fechados e muitas vezes sujeitos a conflitos com grupos rivais pela disputa de venda de drogas, estando a população inserida direta ou indiretamente no poder de comando do tráfico; e territórios-rede, isto é, territórios abertos onde a estrutura reticular das redes ilegais do narcotráfico foi inserida por meio da organização espacial em pontos de distribuição e controle dos fluxos de droga em determinado espaço (COUTO, 2014, p. 12).

Quanto às redes ilegais, é importante levar em consideração a funcionalidade do território, que passa a ter as redes como elemento-chave da trama organizada que coordenam; assim, territorializar-se significa, também, construir ou controlar fluxos e criar referências simbólicas num espaço em movimento pelo movimento (HAESBAERT, 2004).

Deste modo, a lógica da territorialidade em rede parte da premissa de que os territórios não são contínuos e sim descontínuos, sendo territórios sem limites definidos, ou seja, sem demarcação simbólica ou material que represente o seu fim. Esses territórios são representados por suas redes, onde não há contiguidade espacial, isto é, sem proximidade dos lugares, existindo apenas, em termos abstratos e para representação gráfica, um conjunto de pontos (nós), conectados entre si por seguimentos (arcos), que correspondem aos fluxos que interligam, “costuram” os nós – fluxos de bens, pessoas ou informações, sendo que os arcos podem ainda indicar elementos infraestruturais presentes no substrato espacial, que viabilizam fisicamente o deslocamento dos fluxos (SOUZA, 2011, p. 93).

Seguindo a lógica espacial de territórios descontínuos, isto é, território-rede, foi elaborado um esquema representativo (Figura 02) com base nas formulações de Souza (2011). Assim, foram destacados os pontos (nós) da rede e suas conexões (arcos), formando, portanto, uma malha/rede do tráfico de drogas na cidade universitária.

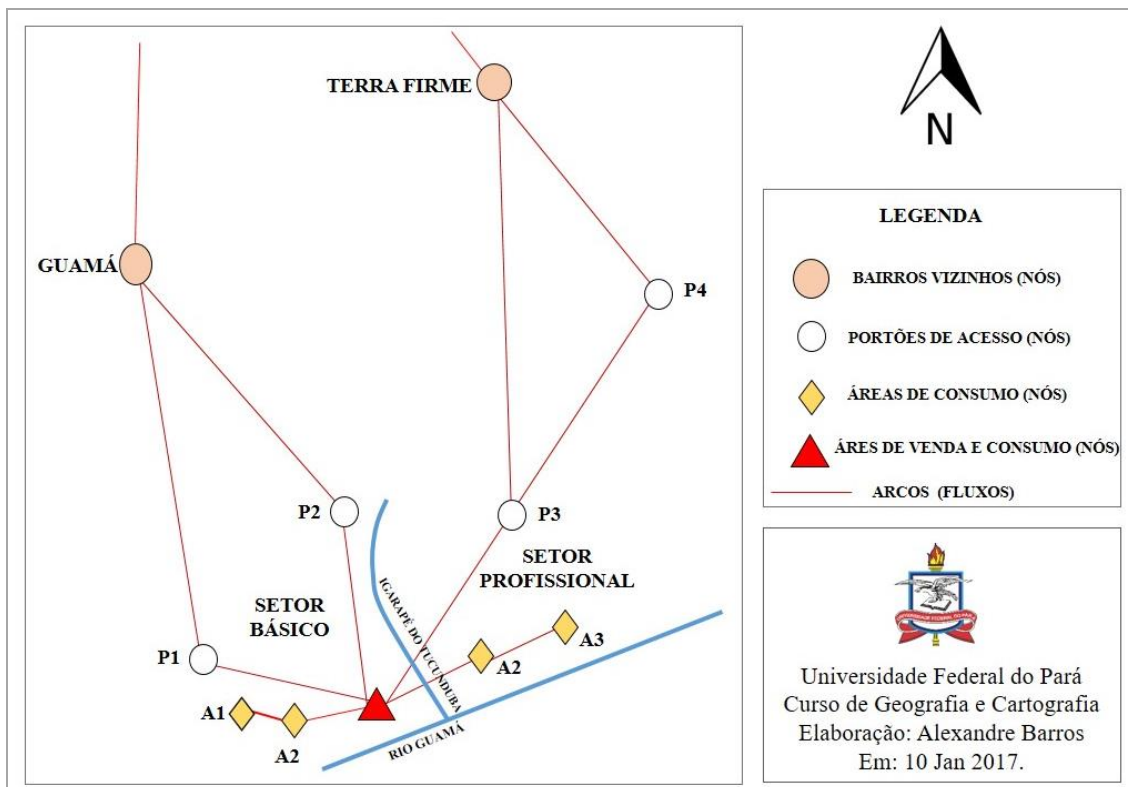


Figura 2 – Representação esquemática da rede do tráfico de drogas na cidade universitária, considerando os bairros vizinhos, portões de acesso e áreas de venda e consumo.

Fonte: Produção elaborada a partir dos trabalhos de campo e dados colhidos em entrevistas com a segurança da cidade universitária, baseado na concepção de Souza (2011) sobre Territórios-rede (Elaboração: Alexandre Barros, jan. 2017).

Na figura 02 pode ser vista a conjuntura da rede do tráfico de drogas da cidade universitária. Percebe-se que, de acordo com o conceito de território-rede formulado por Souza (2011), sua estrutura é formada por pontos/nós (bairros, portões, áreas de venda e consumo) e seus fluxos/arcos (conexões). Então, analisando a representação esquemática do tráfico na UFPA, identificamos alguns pontos pertinentes para o estudo, sendo a concentração das áreas de venda e consumo totalmente em porções territoriais do setor básico e profissional e suas características semelhantes, como localização próxima ou na orla.

Visualiza-se também no fluxograma os portões de acesso da instituição, podendo ser estes considerados um elo dos bairros (Terra Firme e Guamá) de fornecimento de drogas ilícitas com a cidade universitária. Desse modo, analisando o esquema articulatório que o tráfico desempenha dentro da cidade universitária, podemos caracterizar o tráfico de drogas como uma malha conectiva de relações, havendo os pontos emissores e outros receptadores de fluxos.

A partir do que se foi elucidado, é reconhecido que territórios não são uma prisão, a considerar as versatilidades das redes e se o território protege e a rede articula, dentro de

uma dialética fechamento/abertura, sendo, assim, os dois polos (fechamento e abertura) são de suma importância no território descontínuo ou rede (SOUZA, 2002). Desse modo, o território-rede representa uma ponte conceitual que reúne a contiguidade da rede.

Levando em conta os estudos sobre a diferenciação conceitual sobre território-rede, é utilizado, para relativizar esta questão, os diagnósticos de Miranda Neto (2008, p. 42) que expõem os subsídios característicos da lógica dos fluxos mais dinâmicos e com menor carga material, bem como os subsídios da lógica que privilegia muito mais os fixos, com maior nível de materialidade (Quadro 02). Tal análise tem por finalidade delinear um entendimento em que as redes sejam não mais compreendidas como “totalmente fluxos”, uma vez que dependem de meios materiais para o seu funcionamento, e os territórios sejam não mais encarados como produção social “totalmente enraizada”, visto que para sua existência dependem da articulação dos fluxos (MIRANDA NETO, 2008).

Quadro 2 – Relativizador das diferenças conceituais entre redes e território

Menor materialidade; mobilidade; instabilidade; descontinuidade.	Rede territorial (Em sentido próprio, ou seja, o papel das redes na construção de territórios enquanto controle ou domínio; com carga material menos evidente).	Territórios	Redes Técnica (Em sentido estrito, ou seja, toda infraestrutura caracterizada pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais interconectados).	Maior materialidade; enraizamento; estabilidade; continuidade
	Territórios-Rede (Lógica territorial reticular que implica no controle / apropriação dos fluxos e dos estabelecimentos e/ou comando de redes)		Territórios-Zona (Limites mais precisos, baseados em uma lógica zonal de apropriação – comumente utilizados na escala do Estado-nação).	
Redes				

Fonte: Miranda Neto (2008) com base nas formulações de Haesbaert (2002; 2004).

Deste modo, através do arcabouço conceitual apresentado neste artigo se pretendeu reforçar os processos e relações que se manifestam na Universidade Federal do Pará e, por meio destes fatores, construir um circuito/rede do tráfico de drogas e determinar como ele

se estrutura territorialmente no campus da maior instituição de ensino superior da Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer às considerações acerca deste trabalho, vale salientar antes de tudo que se deve reconhecer que as muitas descobertas e saberes produzidos envolvendo a atividade ilícita na cidade universitária Prof. José da Silveira Netto (UFPA), suas áreas de consumo, seus pontos de venda, sua relação com os bairros vizinhos e a questão de como é tratada esta prática dentro de um espaço institucional federalizado (áreas da união), saltam difusões de questionamentos mais amplos e abordagens mais aprofundadas em todos os aspectos analíticos que envolvem o tráfico de drogas. Isto porque nem um trabalho possui todos os elementos que consigam sintetizar variados fatores inseridos na dinâmica correspondente a uma realidade com um grau de complexidade elevado de tal modo que se torna difícil contemplar todas as suas diversidades, isto é, a forma que se comporta no espaço e como se utiliza dele. Assim, para uma síntese, o todo deve ter sido apropriado e experimentado, o que não é o caso deste pequeno esforço. Portanto, esta é uma nota introdutória em que se reconhece a complexidade do tema, assim como os limites teóricos, metodológicos e temporais que esta pesquisa contém.

A questão da comercialização de substâncias ilícitas em áreas institucionais (espaço federalizado), como universidades, é um tema novo que contém poucos trabalhos tratando desta problemática. No caso do campus da Universidade Federal do Pará (UFPA), localizado no bairro Universitário, e situado entre dois bairros bastante conhecidos pelo tráfico de drogas na cidade de Belém/PA, sua conjuntura torna-se mais difícil de ser analisada, já que além dos agentes internos que dão a estrutura do circuito de relações do tráfico, como as vias de acesso, existem os agentes externos, aqueles responsáveis por parte da manutenção da atividade dentro da cidade universitária, pois quase sempre quando há apreensão de drogas nas dependências do campus, esses sujeitos sempre são moradores dos bairros vizinhos, Terra Firme e Guamá.

Ao propor este estudo com enfoque na territorialização do tráfico de drogas que é exercida na área de estudo, este trabalho teve como principal finalidade chegar a um circuito, isto é, a uma rede de relações que formam o território do tráfico de drogas na cidade universitária, usando uma base teórica, como Souza (2011) e Raffestin (1993), resultando na estrutura de um território descontínuo. Além de utilizar uma metodologia

que se baseia na compartimentação das partes que formam a organização espacial desta atividade, compreendendo a localização das áreas de consumo e dos pontos do tráfico, a partir de então, agrupar todas essas etapas para compor este território.

De todos os modos, fazer a estruturação de um circuito do tráfico de drogas na cidade universitária Prof. Silveira Netto (UFPA) perpassa por várias problemáticas, pois a questão da venda e do consumo de drogas dentro do campus é uma atividade que muitos sabem que ocorre, porém poucos fazem alguma discussão sobre o tema, ocasionando, assim, a ausência de debate para se chegar a ações que tratem este problema com mais seriedade e possibilitar a convivência pacífica entre pessoas que frequentam e utilizam esses espaços.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Da violência**. 1969. Disponível em: <<http://delubio.com.br/biblioteca/wp-content/uploads/2014/02/harendtdv.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

BARBOSA, Jacilino Estumano; ROCHA, Gilberto de Miranda. A produção do espaço institucional da cidade universitária Prof. José da Silveira Netto, em Belém – PA (1968 – 2006). In: SILVA, Christian Nunes; SILVA, João Marcio P.; BORDALO, Carlos A. L. **Produção do Espaço e Territorialidade na Amazônia Paraense**: elementos para a análise geográfica. Belém: GAPTA/UFPA, 2016.

CASTRO, Iná Elias. **O mito da necessidade**: discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CHAGAS, Clay Anderson N. Tendências recentes de desenvolvimento regional e gestão do território. In: SILVA, C. N. [et al.]. **Sociedade, espaço e políticas territoriais na Amazônia paraense**. Belém: GAPTA/UFPA, 2013. p. 15-33.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: GOMES, Paulo César Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 15-47.

COUTO, Aiala C. O. **A geografia do crime na metrópole**: das redes ilegais à “territorialização perversa” na periferia de Belém. Belém: EDUEPA, 2014.

GOMES, Pedro Ivo Jorge. **Território, violência e tráfico de drogas ilícitas em Montes Claros/MG**. 2016. 220 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. Território em tempos de globalização. **Revista Etc., Espaço, Técnica e Crítica**, n. 2, v. 1, p. 39-52, ago. 2007. Disponível em: <http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_2_4.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2017.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. **Revista geographia**, ano IX, n. 17, p. 19-46, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/213/205>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

_____. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2011. p. 165-205.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.

MAQUIAVEL, Nicolau (1469/1527). **O príncipe**. São Paulo: Martin Claret, 2012. (Coleção obra-prima de cada autor).

MIRANDA NETO, J. Q. Redes, território e competitividade: as estratégias das empresas de telefonia celular no Estado do Pará. 2008. 189 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: EDUSP, 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

_____. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2011. p. 77 – 116.

SUN TZU (s.d./aprox. 500 a.C.). **A arte da guerra**: os treze capítulos. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Edue, 2012.

VASCONCELOS, Daniel Bruno. Geografia das drogas: Um estudo sobre a estrutura do narcotráfico nas cidades da América Latina. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 18., São Luís. **Anais eletrônicos...** São Luís: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2016. Disponível em: <http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467650190_ARQUIVO_Trabalho_EDP-DanielBrunoVasconcelos.pdf>. Acesso em: 10 out. 2016.